

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

LETÍCIA MENDES FERRI

“THE BAD CHILD’S BOOK OF BEASTS” DE HILAIRE

BELLOC:

TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo como parte do Exame de Seleção para o curso de Mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo

São Paulo

Outubro de 2016

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. Justificativa	5
3. Objetivos	6
4. Aspectos teóricos.....	6
5. Metodologia	13
6. Cronograma.....	14
7. Bibliografia	15

1. Introdução

Este projeto de pesquisa propõe a elaboração de uma primeira tradução em língua portuguesa da obra *The Bad Child's Book of Beasts*, de Hilaire Belloc. Este livro foi publicado em 1896 e é considerado uma das obras infantis mais prestigiadas do autor.

Até o momento, não há registros de tradução dessa obra para a língua portuguesa, o que torna essa proposta uma possibilidade de significativa relevância para a área de Estudos da Tradução.

Considerado um dos autores mais prolíficos na Inglaterra no século XX, Hilaire Belloc ficou conhecido também por produzir livros infantis. A obra *The Bad Child's Book of Beasts*, destinada geralmente a crianças de dois a sete anos, foi um dos primeiros trabalhos publicados do autor, vendendo milhares de cópias, um fato bastante considerável para um escritor iniciante de apenas 26 anos. Os poemas são geralmente curtos e alguns deles possuem apenas dois versos. Cada “fera” ou animal tem seu próprio poema, as frases são simples, permitindo que as crianças consigam memorizá-las.

Joseph Hilaire Pierre René Belloc nasceu na França, próximo a Paris, em julho 1870 e morreu em julho 1953. Com a morte de seu pai, quando ainda tinha dois anos, sua mãe decidiu retornar à Inglaterra, onde o autor cresceu e passou a maior parte de sua vida. Sua educação foi quase inteiramente britânica, começando na Oratory School em Birmingham, uma escola católica e continuando no Balliol College, em Oxford, pela qual se licenciou em História, em 1894, com “as mais altas honras”. Era conhecido como escritor, orador, poeta, homem das letras, soldado, marinheiro e ativista político. Foi presidente da União em Oxford e mais tarde membro do parlamento em Salford de 1906 a 1910.

Para Speaight (1957, p. 269 e 296), Belloc revelou-se um excelente orador e poderia ter tido, se quisesse, uma carreira distinta na política, mas em 1910, desiludido com a corrupção, deixou o parlamento. Ao preferir a escrita, Belloc tornou-se um dos mais diversificados autores na história da literatura inglesa. Quando morreu, com quase 83 anos de idade, deixou cerca de cem livros publicados e um grande número de ensaios, artigos, recensões e discursos.

Hilaire Belloc era um polemista notável, crítico literário, analista social e político. Escreveu muito sobre história, embora esse campo tenha ocupado um espaço relativamente pequeno na totalidade de sua bibliografia. Seus poemas podem ser encontrados em muitas antologias de poesia inglesa. Seu livro *The Bad Child's Book of Beasts*, escrito em 1896, enquanto ainda estava em Oxford, gerou uma atenção imediata e é considerado atualmente um clássico.

Além da importância de seus trabalhos, é lembrado também por promover a fé católica. O autor foi altamente considerado dentro da comunidade católica e escreveu para organizações como *Catholic Truth Society*. Pode-se dizer que suas opiniões representavam a visão da maioria dos católicos britânicos no período entre as duas guerras mundiais. Sheed, um então respeitado líder católico, escreveu:

Mais do que qualquer outro homem, Belloc fez o mundo Católico-Britânico em que todos nós vivemos. Houve Chesterton, é claro, mas Belloc teve muita influência na realização de Chesterton, e Chesterton nem tanto em Belloc. (SEEHD apud MORTON, J. B. *Hilaire Belloc*. Catholic Book Club Edition, 1955. p. 122).¹

Esta apreciação aponta o impacto que Belloc teve no catolicismo inglês. Morton (1955, p. 121) ainda escreveu que Belloc “estava destinado a ser o campeão (herói) na

¹ “More than any other man, Belloc made the English-speaking Catholic world in which all of us live. There was Chesterton, of course, but then Belloc had so much to do with the making of Chesterton, and Chesterton not much with the making of Belloc”

Igreja Católica neste país.”² Dessa forma, a crítica atribuída a Belloc pode ser, de certa forma, atribuída à comunidade católica de seu tempo.

O autor inglês, muitas vezes, foi acusado de ser um historiador fraco, muito agressivo em seus argumentos, um extremo antissemita e com visão limitada quanto a culturas não europeias. Tais acusações são embasadas em sua visão de fatos históricos, militância bruta, alegações antijudaicas juntamente com sua declaração: “A fé é a Europa. A Europa é a fé.”³

Para Barton (2014, p. 2), estas supostas falhas de Belloc contrastam com a necessidade de precisão na história, o moderno espírito ecumênico, esforços para evoluir a compreensão judaico-cristã e a necessidade da fé se expressar em culturas não europeias.

2. Justificativa

O presente projeto de pesquisa justifica-se pela contribuição de uma primeira tradução em língua portuguesa de uma importante obra de Hilaire Belloc, *The Bad Child's Book of Beasts*, considerada nos dias de hoje um clássico. O resgate de obras tão prestigiadas como essa, através do trabalho de tradução, pode, além da oportunidade de fazê-las mais conhecidas, trazer a possibilidade de promover mais estudos sobre o autor ainda pouco considerado no Brasil, uma vez que foram encontrados somente dois estudos sobre Belloc realizados por pesquisadores brasileiros (Iachtechen, 2012, p. 914-925; Araujo, 2009).

² “...was destined to be the champion of the Catholic Church in this country”

³ “The Faith is Europe-Europe is The Faith”

Dessa forma, este trabalho pode ter importância para a área de Estudos da Tradução no Brasil e para os interessados na tradução de obras da literatura inglesa e, mais especificamente, na tradução da obra de Belloc.

3. Objetivos

Os objetivos desse projeto de pesquisa são:

- 3.1. Apresentar uma tradução, seguida de comentários, da obra *The Bad Child's Book of Beasts*, de Hilaire Belloc;
- 3.2. Estudar as dificuldades de tradução de uma obra escrita em inglês, em forma de versos para a língua portuguesa, levando em conta a teoria sobre tradução defendida por Belloc em *On Translation*, entre outras;
- 3.3. Difundir a obra de Belloc, que ainda é pouco lida e pesquisada no Brasil.

Este estudo pretende, através do trabalho de tradução, aproximar o leitor brasileiro da produção literária de Hilaire Belloc, despertando-lhe o interesse pela obra, pelo autor e pela literatura inglesa do século XX.

4. Aspectos teóricos

Dar uma definição exata ou o significado de “tradução” não é uma tarefa fácil. Além disso, esse conceito tem sofrido mudanças ao longo dos anos. O conhecido ditado italiano parafraseado pelo filósofo Benedetto Croce “*Traduttore-traditore*”⁴, declara que a falsificação é inevitável na tradução. Anon (citado em Krishnaswamy ‘et al.’) enfatiza

⁴ “tradutores são traidores”

os riscos de uma tradução literal: “A tradução é como uma mulher, se bela não pode ser fiel, se fiel não pode ser bela.”⁵ (Krishnaswamy, et al., 1992, p. 235).

Catford define tradução do ponto de vista da linguística: “A tradução pode ser definida da seguinte forma: a substituição do texto em uma língua (SL) para um texto equivalente em outra língua”⁶ (Catford, 1965, p. 20). Além disso, Catford aponta os desafios que podem ser encontrados na tradução de certas palavras e ressalta a necessidade de definir a natureza do texto para manter a tradução fiel. Para o autor: “O problema central da prática de tradução é encontrar termos equivalentes na língua de chegada. Uma tarefa central da teoria da tradução é definir a natureza e a condição de uma tradução equivalente.”⁷ (Catford, 1965, p. 21).

Das (2008, p. 3) explica que o principal objetivo da tradução é manter o significado do texto e que a maior dificuldade está presente em traduções literárias, uma vez que não é sempre que se encontra na língua de chegada uma palavra com elementos equivalentes aos da língua de origem:

Se a linguagem tem sido descrita pela linguística como "comportamento modelado", a tradução é uma operação realizada em duas línguas: a língua de origem (SL) e a língua de chegada (TL). Uma vez que o significado é o principal objetivo na tradução, não há muita dificuldade de tradução não-literária. Mas a dificuldade surge quando estamos envolvidos na tradução literária. Não é comum encontrar material literário equivalente da língua de origem na língua de chegada. (Das, 2008, p. 3).⁸

⁵ “Translation is like woman if beautiful, it cannot be faithful and if faithful, it cannot be beautiful”

⁶ “Translation may be defined as follows: the replacement of textual material in one language (SL) by equivalent material in another language”

⁷ “The central problem of translation-practice is that of finding TL translation equivalents. A central task of translation theory is that of defining the nature and condition of translation equivalence”

⁸ “If language has been described by linguistics as “Patterned behaviour”, the translation is an operation performed on two languages: the Source Language (SL) and the Target Language (TL). Since meaning is the main goal in translation, there is not much difficulty in non-literary translation. But the difficulty arises when we are engaged in translation of literature. It is not to find the equivalent literary material of the Source Language (SL) in the Target Language (TL)”

Este conceito também é destacado por Givón (1989, p. 340):

É, creio eu, relativamente seguro admitir que o grande impedimento para tradução entre línguas, portanto entre culturas, é o significado, como codificado principalmente no léxico.(...) palavras individuais (conceitos) não são definidos puramente por seus componentes ou pela mera inclusão de alguma “função semântica” universal. Em vez disso, são definidos, em grande parte, relativamente a outros conceitos que fazem parte da rede.⁹

Givón também menciona a importância da compreensão cultural da língua de origem e os obstáculos que pode haver na tradução entre culturas muito distintas:

Se compreender uma língua envolve a visão cultural global, então a tradução entre línguas só é possível na medida em que a tradução intercultural é possível. O inquérito sobre a possibilidade de tradução entre línguas - assim como entre culturas - abre uma questão ainda mais vital, envolvendo a universalidade da linguagem e do pensamento. (...) Se compreender uma língua requer compreender sua cultura e visão de mundo, então a tradução só é possível se diferenças culturais são relativamente rasas; isto é, se a visão de mundo entre diferentes culturas humanas é amplamente universal.¹⁰ (Givón, 1989, p. 324).

Alguns teóricos costumam dividir a tradução em dois tipos: literária e não literária. G. E. Wellworth sugere que uma tradução literária deve recriar a mensagem em um contexto cultural similar à língua original (Wellworth, 1987, p. 143). Sendo assim, ao traduzir um texto literário, o tradutor decodifica o significado do texto na língua de origem e o recodifica na tradução.

⁹ “It is, I believe, relatively safe to concede that the major impediment to cross-language – thus cross-culture – translation is meaning, as coded primarily in the lexicon.(...) individual words (“concepts”) are not defined purely componentially, i.e. by the mere inclusion of some universal, Platonic “semantic features”. Rather, they are defined, in large part, relationally, relative to other concepts partaking in the network.”

¹⁰ “If understanding a language entails the culture’s world-view, then cross-language translation is possible only to the extent that cross-cultural translation is possible. The inquiry into the possibility of cross-language – thus cross-culture – translation opens up an even more vital question, having to do with universality of language and thought. (...) If understanding a language requires understanding the cultural world-view, then cross-linguistic translation is only possible if cross-cultural differences are relatively shallow; that is, if the world-view held by different human cultures is largely universal”

Segundo Das (2008), o tradutor deve possuir uma fluência completamente natural nas duas línguas, deve ter uma intimidade com ambas a ponto de as palavras fluírem instintivamente. A tradução não deve ser mecânica, cada palavra está dentro de um contexto e contém um sentido interligado com todo o texto. Para enfatizar este ponto o autor usa uma citação de Meenakshi Mukherjee: “O tradutor é um escritor na língua para a qual está traduzindo, isto é, seu manuseio da língua não é meramente competente, mas também criativo”¹¹ (Mukherjee apud Das, 2008, p.06).

Hilaire Belloc publicou *On Translation* (Taylorian Lecture, Oxford, 1931) em que trata de questões de tradução. Segundo o autor, uma boa tradução é algo excepcionalmente difícil de alcançar (e o talento e a instrução para se chegar a ela são correspondentemente raros) porque isso demanda o que, para ele, pode ser chamado de “*dual control*”:

O tradutor trabalha em dois meios e deve manter-se a par dos dois em todos os momentos de sua obra, eles devem estar presentes perante ele em igual peso e ainda – o que é um ponto sutil, porém essencial – perante ele de duas formas diferentes. Ele deve compreender ao mesmo tempo o que está traduzindo e produzindo, ou como eu deveria dizer, criando. (Belloc, 1931, p. 32).¹²

Para o autor, um tradutor deve “conhecer” bem cada um dos dois idiomas envolvidos e, para ele, esse “conhecer” vai muito além de um significado preciso dos termos de cada língua, uma vez que uma simples palavra que representa um determinado objeto em uma língua poderá ter uma conotação diferente da palavra correspondente em outra língua. Além disso, o tradutor deve também possuir uma

¹¹ “The translator is a writer in the language in which he is translating, that is, his handling of the language is not merely competent but creative.”

¹² “The translator is working in two mediums, which two - he has to be keeping abreast during every moment of his work, which both have to be present before him in equal weight and yet —what is a subtle point, but an essential one —present before him in two different ways. He has to be at the same time understanding; that which he translates and producing, or as I should say actually creating.”

“intimidade” com a língua de origem a ponto de a transição ser algo natural: “... possuir uma espécie de língua sombria, o espectro da língua composta, um misterioso idioma que combina as duas línguas, agindo como uma ponte e permitindo que ele passe continuamente de uma para a outra”¹³ (Belloc, 1931, p.32). O autor considera que, além de ser importante o tradutor entender completamente aquilo que está traduzindo, ele deve escrever muito bem na língua em que traduz, de maneira que o leitor não saiba que se trata de uma tradução e sinta-se tão satisfeito como se estivesse lendo o original.

A tradução, evidentemente, tem uma importante função social e, se considerarmos um campo mais amplo, podemos dizer que é uma condição de ordem entre as nações e, portanto, de paz. É a condição sem a qual uma cultura comum não poderia existir. A esse respeito, o autor chama a atenção ao fato de que, ainda que as traduções possam ser amplamente disseminadas na sociedade, se não forem bem feitas, podem fazer mais mal do que bem (Belloc, 1931, p. 34).

Para Belloc (1931), o tradutor pode ser guiado por regras aplicáveis ao trabalho de tradução. Ele divide essa tarefa em dois departamentos ou grupos, que correspondem a duas finalidades ou funções: a primeira que arbitrariamente chama de “translation of instruction”, usada para transmitir determinados fatos de uma língua para outra; e a segunda que chama de “literary”, com a função de uma tradução com efeito espiritual de uma língua para outra, como por exemplo, a tradução de uma grande história ou de um grande poema. Porém, ele considera que o segundo grupo é um caso particular do primeiro (Belloc, 1931, p.34).

Em razão de o conteúdo ser diversificado na sua origem e se diversificar dentro do próprio grupo, o autor considera que para se estabelecer uma tradução correta

¹³ “... to possess a sort of shadowy tongue, the wraith of a composite language, a mysterious idiom which combines the two, acts as a bridge, and permits him to pass continuously from one to the other”

há regras gerais que podem ser aplicáveis a todas as traduções. Dessa forma, ele aponta as regras que devem guiar o trabalho de tradução: duas que considera positivas e muito óbvias e uma terceira, que considera negativa e, portanto, mais frequentemente transgredida. As duas positivas são: 1) a tradução deve ser feita na língua do tradutor; 2) o tradutor deve dominar o mais perfeitamente possível a língua traduzida, sem confusões em sua mente. A terceira ou regra negativa afirma que: 3) o tradutor precisa estar livre de restrições mecânicas, das quais as duas principais formas são: a) restrição de espaço, b) restrição de forma.

Para Belloc (1931), a tradução fica melhor quando feita na língua do tradutor e o resultado final de uma tradução se torna a produção de uma obra em uma determinada língua. Somente na própria língua um homem pode escrever profícua e continuamente, utilizando-se de seus próprios artifícios para criar algo permanente. Nesse sentido, ele faz um alerta ao fato de que se o tradutor não for um bom escritor na sua própria língua, o resultado final da tradução poderá ser ruim:

...erros ocasionais no significado do original terão geralmente não mais do que um efeito mecânico, enquanto que uma utilização insuficiente da língua em que a tradução é feita é de considerável importância, afetando a própria essência de uma obra e ela por completo. (Belloc, 1931, p. 36).¹⁴

Quando o tradutor domina o mais perfeitamente possível o idioma original, o autor considera o fato como “obviamente uma vantagem.”¹⁵, mas acredita que quando existe uma grande familiaridade por parte do tradutor com o idioma estrangeiro poderão

¹⁴ “...occasional errors in the meaning of the original will generally have no more than a mechanical effect, while an insufficient use of the language into which the translation is made is of organic importance, affecting the very tissue of a work and affecting it throughout”

¹⁵ “*obviously an advantage.*”

surgir confusões em sua mente e resultar, portanto, em uma tradução ruim (Belloc, 1931, p. 37-38).

Belloc acredita que a tradução deve estar livre de restrições mecânicas de espaço e de forma. A tentativa de manter a mesma extensão da tradução em relação à extensão do original pode ser prejudicial para o resultado final da tradução. Para o autor, uma tradução deve ser, quase sempre, de maior tamanho em relação ao texto original, a menos, é claro, que se consiga uma equivalência satisfatória, o que considera uma tarefa difícil. Existem palavras que possuem dentro de si uma frase completa, um contexto específico, e pode ser que não exista uma tradução exata da palavra. Nestes casos, devemos “abrir” ou “decompor” a palavra para manter o significado do texto. Esta regra aplica-se particularmente com força maior em relação ao verso. Ele observa que no esforço desesperado de se traduzir linha por linha ou página por página pode-se arruinar o resultado. Assim como de espaço, não deve haver restrição de forma. O tradutor não precisa traduzir num soneto um soneto, num o capítulo um capítulo e, menos ainda, num parágrafo um parágrafo (Belloc, 1931, p. 38-39).

De forma geral, ele acredita que, além dessas duas restrições de espaço e forma, todas as restrições mecânicas devem ser evitadas na tradução:

Não significa que se eu escolhi uma determinada forma que você deve mantê-la. Ao sentar-se para fazer uma tradução de um soneto, você não deve se deter às quinze linhas. Ao sentar-se para escrever um epitáfio, você não deve produzir uma pequena biografia.¹⁶ (Belloc, 1931, p. 38-39).

¹⁶ “By which I do not mean that having chosen a form you must not maintain that form; having sat down to write a translation as a sonnet you must not run to fifteen lines; having sat down to write an epitaph, you must not produce a little biography.”

5. Metodologia

Tendo selecionado como texto fonte o *The Bad Child's Book of Beasts* de uma edição confiável, uma vez que não constam edições completas e/ou críticas da obra de Belloc, as opções de tradução serão orientadas, entre outras, pelas reflexões de Belloc sobre a tradução, conforme por ele indicado em *On Translation*. Trata-se de um verdadeiro privilégio traduzir a obra de um autor que tratou da tarefa da tradução em prosa e em verso. Como a obra fonte é escrita em verso, optou-se em traduzi-la também em verso. Como até o momento não foram encontradas traduções dessa obra para a língua portuguesa e para outros idiomas, verifica-se o aspecto inédito do presente estudo, que oferecerá a primeira tradução para o português.

6. Cronograma

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES												
ATIVIDADES	MESES											
	1-2	3-4	5-6	7-8	9-10	11-12	13-14	15-16	17-18	19-20	21-22	23-24
Disciplinas												
Revisão Bibliográfica												
Aquisição de documentos												
Identificação de descritores												
Classificação de documentos												
Descrição da tendência do material												
Elaboração do estudo introdutório												
Criação do acervo de do banco de dados												
Relatório final												
Defesa da Dissertação												

7. Bibliografia

FONTES PRIMÁRIAS

BELLOC, Hilaire. *On Translation*. Oxford: Oxford University Press, 1931.

_____. *The Bad Child's Book of Beasts*. Gerald Duckworth & Co. Ltd, 1972.

OUTRAS FONTES E TRADUÇÕES

ARAUJO, A. E. A. *Nota biográfica e bibliográfica sobre Hilaire Belloc*. Niterói, 2009.

BARTON, D. *In Defence of Hilaire Belloc*. 2014.

BASSNETT, S. *Translation Studies*. London: Routledge, 1991.

DAS, B. K. *Handbook of Translation Studies*. New Delhi: Atlhantic, 2008.

CATFORD, J. C. *A Linguistic Theory of Translation*. London: OUP, 1965.

GIVÓN, T. *Mind Code and Context; Essays in Pragmatics*; Oregon; 1989.

IACHTECHEN, F. L. *Hilaire Belloc e H. G. Wells: críticas e considerações ao pensamento evolucionista inglês na década de 1920*. In: XIII Encontro Estadual de História: a escrita da história, 2012, Londrina. *XIII Encontro Estadual de História: a escrita da história*. Londrina: Anpuh-PR, 2012. p. 914-925.

KELLY, , L. G. *The True Interpreter: A History of Translation and Practice in the West*. New York: St. Martin's Press, 1979.

KRISHNASWAMY, et al., *Modern Applied Linguistics*. Madras: MacMillan, 1992.

MORTON, J. B. *Hilaire Belloc*. Catholic Book Edition.

SPEAIGHT, Robert. *The Life of Hilaire Belloc*. New York, 1957.

WELLWORTH, G. E. *Special considerations in Drama Translation, Translation Spectrum: Essays in Theory and Practise*, ed. M. G. Rox. New York, 1987.

WELLS, H. G. *Mr. Belloc objects to "The outline of history"*. London: Watts&Co., 1926.